



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede Amazônica

Manaus-AM, 28 de abril de 2009

Jornalista: A partir deste momento nós vamos entrevistar o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Presidente, primeiramente, muito bem-vindo ao estado do Amazonas e à capital, Manaus.

Presidente: Olha, Daniela, para mim é sempre uma alegria vir ao estado do Amazonas. Você sabe que eu venho aqui desde o final dos anos 70, mais ou menos em 79, quando eu estabeleci uma relação com o Sindicato dos Metalúrgicos e de lá para cá, (incompreensível) saiu do Sindicato, entrou na política. Hoje eu tenho vindo muito a Manaus, porque o governo federal tem uma parceria extraordinária com o governador do estado, Eduardo Braga, e também porque nós temos um ministro muito importante, no Brasil, que é aqui do estado. Então, eu não poderia deixar de ter sempre muito prazer em visitar o estado do Amazonas e Manaus.

Jornalista: Presidente, após o Plano Amazônia Sustentável, equacionada a questão Raposa Serra do Sol, o projeto gasoduto em pleno desenvolvimento, a ponte sobre o Rio Negro sendo construída também, o que vai proporcionar um desenvolvimento geoeconômico para os municípios do Solimões, o programa Minha Casa, Minha Vida. Quais projetos o senhor ainda pretende apoiar para o desenvolvimento da Amazônia?

Presidente: Bem, nós temos um que é quase uma questão de honra para nós, muito simbólico, que é a BR-319. Essa rodovia já existiu, já funcionou, ligando Porto Velho a Manaus e, de repente, pelo descaso do governo, essa estrada



ficou bloqueada em mais de 400 quilômetros, exatamente no meio. Nós já começamos a construir grande parte dela, de Rondônia para cá e de Manaus para lá. No meio, nós temos aproximadamente 400 quilômetros, que nós estamos agora em fase final para conseguir a licença prévia e, então, a gente fazer essa estrada voltar a funcionar.

O que é importante, veja, não são apenas as obras que já estão em andamento, porque, além das obras que o governo federal tem em parceria com o governo do estado, tem as obras do governo do estado. Nós achamos que é preciso, com muita urgência, muito mais do que em outras regiões do Brasil, o governo trabalhar para que a gente possa desenvolver a Amazônia.

Você veja que por conta do Programa Amazônia Sustentável, nós tomamos uma decisão de regularização fundiária na região. Não é possível mais a gente tentar fazer qualquer coisa na Amazônia se a gente não legalizar as terras da Amazônia, ou seja, dar os títulos aos proprietários de terra, legalizar as terras nas cidades para que as pessoas se sintam donas e para que possamos – governo estadual, governo federal e prefeituras, com responsabilização de todos juntos - preservar o meio ambiente e fazer com que a gente também utilize a floresta com manejo correto, utilize a riqueza da biodiversidade dessa região para que a gente possa desenvolver a região. Eu acho que mais do que qualquer outra parte do Brasil, o Norte do Brasil e o Nordeste precisam de uma atenção realmente prioritária do governo federal.

Jornalista: O senhor falou da questão da BR-319, realmente está nessa fase de conclusão já para a liberação das autorizações ambientais, que é realmente muito importante. Mas será que vai dar realmente para aproveitar essa parte do verão, que começa a partir de julho, já para a reforma desses quilômetros que faltam?



Presidente: Nós tivemos uma reunião recentemente, a ministra Dilma, eu, o ministro Alfredo, o ministro do Meio Ambiente, todo o pessoal do Ibama, mostrando para eles exatamente o período de chuva em que a gente fica proibido de trabalhar e o período de seca onde nós poderemos trabalhar e adiantar o serviço. Portanto, está todo mundo sabendo, e eu acho que finalmente nós vamos começar a trabalhar a segunda parte, a chamada parte do meio da BR-319.

Jornalista: Presidente, um assunto importante para os amazonenses. Para integrar de forma contínua o território sul-americano no sentido norte-sul, o seu governo fez duas intervenções bastante importantes: a ponte sobre o rio Tacutu, que ligou o Brasil à Guiana, e também a ponte sobre o rio Madeira, em Porto Velho, que ligou a [BR]364 à [BR]319. Agora, essa ligação no sentido norte-sul, principalmente, poderia ser prolongada com 40 quilômetros na BR-354... na AM-354, que liga Manaquiri à AM-070 em Manacapuru, que fica a cerca de 84 quilômetros aqui de Manaus, e aí com uma construção de uma ponte, que é realmente o anseio dos amazonenses, sobre o rio Solimões. O senhor acha realmente que seria possível concretizar esse sonho dos amazonenses e, se possível, seria antes do final do seu mandato essa obra?

Presidente: Primeiro, é importante que o Alfredo esteja vendo o nosso programa, para que o Alfredo assuma o compromisso de fazer.

Jornalista: Mas parece que já existe um estudo do Ministério dos Transportes.

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa: eu não sei se nós conseguiremos terminar tudo no meu governo. O dado concreto e objetivo é que nós estamos dando à região Norte do Brasil a atenção que deveria ter sido dada nos últimos 30, 40 anos porque aí, sim, nós teríamos avançado muito mais.



Se o Brasil descobrir, como nós estamos descobrindo, que o potencial tecnológico do Brasil é o maior, o potencial científico do Brasil é maior, o Brasil é um país que tem mais tecnologia, o Brasil é um país que tem condições de exportar os seus produtos para toda a América do Sul - e nós fazemos fronteira com todos os países, menos com o Chile e com o Equador - nós temos que abrir caminhos para que a gente possa fazer o escoamento da nossa produção, ora para o Caribe, ora para o Pacífico. Sobretudo, porque essas pessoas precisam comprar coisas que o Brasil sabe produzir. Não comprar grãos, comprar matéria-prima, mas comprar produtos com alto valor agregado, produtos de ponta. O Brasil tem condições. Agora, se nós não garantirmos o direito de ir e vir das pessoas, a gente nunca vai conseguir vender para esses países. Portanto, nós queremos fazer a integração definitiva do nosso continente.

Por isso, o Brasil tem hoje US\$ 5 bilhões de investimento nos países vizinhos, na perspectiva de que a gente possa interligar, ora utilizando a estrada que Deus nos deu, que são os rios, ora fazendo as ferrovias que precisam ser feitas e ora fazendo as rodovias que precisam ser feitas.

Você sabe, Daniela, que hoje nós temos um problema no Brasil que é delicado, porque o Brasil passou praticamente 26 anos ou quase 30 anos sem poder fazer investimentos. Mas enquanto o Brasil não investia, nós criamos uma verdadeira máquina de fiscalização. Então, hoje você tem muito mais facilidade de não permitir que a obra funcione do que fazer a obra, porque as exigências são muitas. Quando você quer mexer em uma estrada aqui na Amazônia, em uma ferrovia ou em uma hidrovia, você precisa, primeiro, ter o projeto executivo. Quando você faz o projeto executivo, você tem que ter licença. Para você ter licença, já demora um tempo. Quando você tem a licença, você precisa saber se é estadual ou se é federal. Quando está tudo mais ou menos pronto, acontece que alguém do Ministério Público entra com recurso e proíbe a obra. Quando você vence o Ministério Público, você faz a



licitação. Quando você faz a licitação, ora é o Tribunal de Contas da União que acha que não está bem feita e, portanto, breca. Quando está tudo resolvido, uma empresa que perdeu entra na Justiça. Às vezes você leva dois ou três anos para concretizar uma obra, porque nós criamos um verdadeiro calhamaço de proibições, de regras, de fiscalização, que atrapalham. De vez em quando eu brinco com o seguinte: se o Juscelino Kubitschek fosse presidente do Brasil hoje, e ele tomasse a decisão de construir Brasília, em cinco anos ele não ia conseguir fazer a pista de pouso para pousar no Planalto Central.

Então, nós estamos trabalhando, nós temos uma contribuição extraordinária dos governadores. Muitas vezes nós estamos passando a fiscalização para o estado, porque às vezes é mais fácil. Muitas vezes nós não podemos passar, se a obra for federal. Mesmo assim, estamos tentando fazer convênios, porque o grande problema do Brasil hoje é fazer as coisas fluírem. Eu vou te dar um exemplo de uma coisa concreta. Nós estamos fazendo a BR-101 no Sul, ligando Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, que vai ligar todo o sudeste do Sul e o Sudeste do Brasil. Ao fazermos um túnel de mais ou menos 800 ou mil metros, alguém encontrou uma perereca em um lado do morro. Por conta dessa perereca, nós paramos a obra [por] mais de seis meses, porque teve que contratar gente para pesquisar quantas pererecas, para saber se elas estavam em extinção ou não. Se a gente contar isso, parece uma coisa hilariante, mas é a verdade deste país e, portanto, é com isso que nós trabalhamos.

Na Amazônia é sempre tudo mais complicado. O que nós temos dito? Eu quero brigar, e por isso o Brasil vai com uma delegação muito forte a Copenhague, em dezembro deste ano, para discutir a questão climática. As pessoas ficam querendo que a Amazônia seja um santuário da humanidade, que ninguém pode botar a mão. De um lado é isso. De outro lado, você tem aqueles que acham que tem que queimar tudo, que tirar tudo. Nem um e nem outro. Nós temos que utilizar o bom senso, por isso estamos fazendo a



regularização, por isso queremos um manejo correto da floresta, por isso queremos explorar a biodiversidade, e por isso nós queremos que as indústrias madeireiras que aqui quiserem produzir riquezas, gerar empregos, renda e vender móveis para o mundo inteiro, têm que trabalhar com madeira certificada. Não existe outro jeito. Se todos nós tivermos bom senso, e nós do governo convenceremos os fazendeiros brasileiros de que a recuperação das terras degradadas do País, que são mais de 60 milhões de hectares, for feita, mesmo que custe um pouco mais caro, é mais barato para o Brasil e para a humanidade do que a gente fazer novos desmatamentos.

Jornalista: Agora, o senhor está falando: é realmente complicada toda essa questão da burocracia. Já existe um projeto dessa ponte no Ministério dos Transportes. É possível fazer a obra?

Presidente: É possível. O problema nosso é o seguinte: hoje, nós não temos problema de dinheiro. Eu tenho dito sempre o seguinte: se a obra for importante, se ela for vital para uma região, se ela for prioritária, dinheiro a gente arruma. Eu digo sempre o seguinte: quem faz a obra não é o dinheiro, é o bom projeto. Se alguém me apresentar um bom projeto, pode ficar certo de que o dinheiro aparece.

Jornalista: Pode iniciar antes do fim do mandato?

Presidente: Pode. E aí vai depender do Alfredo, porque é ele que comanda o [Ministério dos] Transportes.

Jornalista: Presidente, falando em biopirataria, combate à biopirataria. O senhor sabe que é (incompreensível) em ciência e tecnologia, ou seja, fazer primeiro. Mas hoje os investimentos ainda se concentram em grandes centros



do País. Como investir mais em pesquisas nesse sentido, na Amazônia?

Presidente: Nós já mudamos muito isso. A verdade é que nós fizemos mudanças radicais na questão da ciência e tecnologia. Eu estou até construindo, com o presidente Sarkozy, a possibilidade de criarmos uma universidade binacional aqui na Amazônia. Como eles têm um pedaço da Amazônia lá na Guiana Francesa, seria importante que a gente criasse mais do que um instituto, mas uma espécie de universidade da biodiversidade. Enquanto a gente não tiver cientistas pesquisando, enquanto a gente não tiver laboratórios trabalhando, enquanto a gente não tiver nós mesmos com a disposição de explorar essa extraordinária riqueza da biodiversidade, a gente vai ficar xingando a pirataria e ela vai continuar acontecendo. Então, eu acho que a melhor forma de combater é a gente tomar conta do nosso chão, tomar conta do nosso nariz. E é por isso que nós estamos trabalhando a idéia de criar essa universidade da biodiversidade.

Jornalista: Presidente, o senhor é a favor dos biocombustíveis. O senhor sabe que aqui na Amazônia existem vários projetos que mostram que plantas podem chegar a esse fim. De que forma que o governo federal também poderia contribuir para o desenvolvimento dessas pesquisas, como contribuiu na questão do etanol?

Presidente: Para nós - sobretudo para mim, e eu tenho certeza de que para a ministra Dilma - a questão do biocombustível e do biodiesel, sobretudo, é quase como a gente estar lidando com o filho da gente. Você sabe que o biocombustível foi patenteado em 1975, o biodiesel, pelo professor Expedito Parente. Ele ficou - até nós chegarmos ao governo - apenas no patenteamento. Nós é que resolvemos transformar o biodiesel em combustível de verdade e colocá-lo na matriz energética brasileira. Nós, agora, estamos acabando uma



fase, que está na fase final, de fazer o zoneamento agroecológico do dendê, por exemplo, que é uma planta que dá em uma vasta região da Amazônia.

Se a gente recuperar o dendê, a gente poderá utilizar terras degradadas da Amazônia, onde não vai precisar cortar nem um graveto e a gente vai poder, em terras que já estão degradadas, fazer grandes plantações de dendê e associar a produção de biodiesel à pequena propriedade, que nós estamos agora regularizando a terra. Então, estou convencido de que nós criamos um novo paradigma de governabilidade neste país. Quem vier depois de nós pode ter certeza de que vai ter que trabalhar muito, mas muito mais mesmo, para não deixar a peteca cair.

Jornalista: Presidente, falando em cortar gravetos, a questão desmatamento. Quais ações o governo ainda pretende implementar, nesta questão, aqui na Amazônia?

Presidente: A primeira ação eu acho que nós já fizemos, e estamos colhendo resultados. Numa última reunião que nós fizemos com os governadores, os governadores, o presidente da República e o Ministério do Meio Ambiente... Nós temos que envolver os prefeitos das cidades onde tem áreas de maior desmatamento. Não adianta ficar punindo prefeito, ele tem que ser cúmplice da boa causa. Na medida em que você envolve o prefeito, na medida em que você envolve o governo estadual, o governo federal, nós temos muito mais chance de trabalhar não apenas a proibição, mas uma explicação convincente para a sociedade de que manter a nossa floresta em pé, incentivar a produção extrativista e ao mesmo tempo incentivar o crescimento da pequena propriedade produtiva, para que as pessoas possam viver... E também, ao mesmo tempo, mostrar que mantendo a floresta em pé a gente pode receber crédito de carbono, por conta do Protocolo de Quioto, as pessoas irão tomar consciência de que é melhor para o Brasil, é melhor para elas, financeiramente,



e é melhor para o mundo a gente preservar o máximo que a gente puder preservar.

E veja que hoje há uma consciência, não existe mais aquele negócio de que não pode derrubar uma árvore. O que nós queremos é que essa árvore, ao ser derrubada, que outra seja colocada no lugar, ou várias outras, para que a gente possa manter as espécies. Veja que o Brasil teve muitas árvores importantes que a gente não tem mais: o pau brasil acabou; uma árvore que era muito famosa no Brasil na década de 50, o famoso jacarandá da Bahia. Eu me lembro de que na década de 60, quem se casasse e não tivesse um guarda-roupa de jacarandá era pobre miserável. O chique era ter um guarda-roupa de jacarandá. Isso acabou! Então, o que nós precisamos é convencer a nossa gente de que reflorestar o País com essas plantas, também, que já acabaram, e preservar as que nós temos é condição *sine qua non* para este país ser muito mais respeitado no mundo do que ele é hoje.

Jornalista: Presidente, um assunto importante: as sucessivas derrotas das Farc nos últimos anos têm preocupado as autoridades. O grande temor é de que guerrilheiros que desistiram da luta armada, realmente, invadam o Brasil pelas nossas fronteiras. O Exército e a Polícia Federal estão sendo orientados? E que orientações eles estão recebendo para evitar que isso aconteça?

Presidente: Primeiro, não vamos permitir que as Farc entrem em território brasileiro, não há hipótese. Se entrarem aqui, serão repelidos. Segundo, eu tenho dito, já, em várias entrevistas, que não há nenhuma explicação para as Farc continuarem na luta armada. A América Latina e a América do Sul são o exemplo mais extraordinário de muitos grupos que estavam na luta armada na década de 70 e que hoje ganharam o poder pela via democrática. É o caso do Chile, é o caso da Argentina, é o caso do Brasil, é o caso do Uruguai, é o caso da Bolívia, é o caso do Equador, é o caso, agora, de El Salvador, é o caso da



Guatemala. Não existe nenhuma razão para querer chegar ao poder pela luta armada hoje, se você pode, pela via democrática, chegar ao governo. As pessoas querem chegar ao governo? Criem um partido político, disputem a eleição. Ora, se na Bolívia um índio chegou à Presidência, se no Brasil um torneiro mecânico chegou à Presidência, se no Chile e na Argentina duas mulheres estão governando o país, por que as Farc não tentam disputar uma eleição? Deve haver uma outra razão, que não a eleitoral, que não a partidária, e que não o poder, deve haver outras razões.

Jornalista: Presidente, o senhor sabe que este ano o Amazonas está enfrentando uma grande cheia, talvez a segunda maior da história do nosso estado. Já existe trabalho da Defesa Civil do estado, em parceria com a Secretaria Nacional de Defesa Civil? E quais ações, ainda, o governo deve fazer nessa questão para ajudar, inclusive, os desabrigados, porque ainda tem aí mais um mês de chuva aqui na nossa região?

Presidente: Você sabe que para nós, que chegamos de Brasília, esse rio sempre tem tanta água que a gente não tem noção se ele subiu ou não subiu. O governador Eduardo Braga, a primeira coisa que ele fez, no avião - porque ele veio de Brasília comigo - foi me mostrar um álbum de fotografias do estado e das regiões mais afetadas. Eu estou levando esse álbum de fotografias para conversar com o Ministro da Integração Nacional. Posso te dizer Daniela, que nós não faltaremos ao estado do Amazonas, nós vamos contribuir para amenizar o sofrimento dessa gente, eu vi fotografias de casas que já desbarrancaram, vi a margem do rio sendo desbarrancada, e nós queremos ajudar. Da mesma forma que nós já ajudamos outras vezes, da mesma forma que nós prestamos solidariedade a Santa Catarina, nós iremos prestar solidariedade ao estado do Amazonas, porque antes de tudo nós precisamos



preservar cada vida que for possível preservar nesse estado e dar tranquilidade às pessoas, porque tudo que o ser humano precisa é de tranquilidade.

Jornalista: Presidente, eu tenho duas últimas perguntas e uma delas é um assunto que a gente não poderia deixar de tocar. Nós gostaríamos de saber qual foi o seu sentimento ao saber da situação de saúde da ministra Dilma Rousseff?

Presidente: Eu tenho por hábito dizer aos meus amigos que eu não gosto de receber notícia ruim depois das 10h da noite. E por incrível que pareça, o médico que cuida da Dilma me ligou, acho que eram 11h da noite, na sexta-feira, para me contar que a Dilma tinha um pequeno problema e que eles já tinham tirado, mas que precisava fazer um tratamento preventivo, mas que ainda estava precisando de outras informações. Eu fui pego de surpresa, pela segunda vez, quando vi a Dilma dando uma entrevista, que saiu em todas as televisões no sábado à noite. Conversei muito com a Dilma e conversei muito com o médico. O problema já foi extirpado, na verdade, aquilo que significava o câncer foi tirado. Agora, o que os médicos querem fazer? Eles querem fazer quimioterapia para evitar, de forma preventiva, que isso possa voltar daqui a dez anos, 15 anos ou 20 anos. Eu acho que ela demonstrou muita tranquilidade e muita maturidade, e isso não vai atrapalhar em nada a vida da Dilma. Ela está consciente, está preparada, você a viu trabalhando comigo, aqui, no estado. Ninguém tem impressão de que ela tem problema nenhum, muito menos com a quimioterapia, se tiver que fazer, vai fazer e vai continuar trabalhando. Eu espero que a Dilma não tenha que faltar um único dia no serviço, por conta desse problema. Ela é muito competente, ela é muito importante para o governo. E, depois, é o seguinte: quando chegar em março ela vai estar em campanha...



Jornalista: E o seu apoio, nesse caso?

Presidente: ... e campanha não permite que as pessoas fiquem doentes. Campanha é 24 horas por dia e tem que trabalhar.

Jornalista: E essa questão política? O seu apoio a essa possível candidatura, então?

Presidente: Todo mundo sabe que a Dilma é a pessoa que eu quero que seja candidata à minha sucessão. Obviamente que a Dilma tem que passar pelo crivo do PT, pelo crivo do PMDB, pelo crivo do PSB, do PCdoB, do PDT, dos partidos que nos apóiam. O PTB... E, certamente, ela vai discutir com todos esses partidos políticos. Agora, a Dilma tem um compromisso comigo: até a data do afastamento ela tem que ser a ministra-chefe da Casa Civil, coordenadora do PAC, coordenadora do programa Minha Casa, Minha Vida, porque o resultado do governo tem que ser apresentado como forma de trabalho. O governo não faz muito discurso, o governo trabalha muito, e é o que nós estamos fazendo.

Jornalista: Presidente, é a minha última pergunta agora. O senhor sabe que presidentes populares, como é o seu caso, de grande popularidade pelo mundo inteiro, chamado de “o cara” para o mundo inteiro, podem escolher qualquer lugar do País para futuros cargos eletivos. Como está chegando o seu fim de mandato já no próximo ano, eu gostaria de saber se o seu futuro político pode, inclusive, passar pelo estado do Amazonas, que foi um dos que mais votou no senhor?

Presidente: Eu penso que aos 63 anos de idade, depois de completar oito anos na Presidência, eu acho que a gente não tem muito direito mais de



pensar em futuro político. O futuro político de qualquer um [é] chegar à Presidência, eu já cheguei. Eu não tenho pretensão de ser candidato a nada, não tenho pretensão. Eu acho que quando a gente passa pela Presidência, a gente precisa compreender que chegou ao máximo que um ser humano poderia chegar, no seu país. O que eu posso passar, daí para a frente, é a experiência adquirida. Isso, quando alguém pedir um conselho você dá, você fazer debate. Mas eu não pretendo voltar à vida política de disputar cargo, não, porque eu vivo sorrindo, eu sou muito otimista, mas é duro. Não queira saber o quanto é duro ser presidente da República de um país.

Agora, é gostoso quando a gente vê as coisas acontecerem. Eu sempre digo que é muito fácil governar quando há uma interação da gente com o povo. A cada vez que eu converso com uma pessoa, eu tenho a clareza de que a pessoa está me vendo como se eu fosse ela. Essa identificação é uma coisa que me agrada profundamente, as pessoas me chamarem de Lula, de companheiro, e não de excelência. Essa interação eu acho que é fruto de uma intensa vivência, de mais de 30 anos na vida política deste país.

Jornalista: Presidente, me perdoe. Eu falei que era a última pergunta, mas o senhor falou agora nessa questão de ser complicado estar nesse cargo maior, representando um país. Eu gostaria de saber se até aqui o senhor realmente está satisfeito com o que realizou durante esses anos que esteve à frente do Brasil.

Presidente: Estou. Eu estou satisfeito porque, primeiro, eu tenho clareza de onde eu vim, e tenho clareza de para onde eu vou. Segundo, eu tenho clareza de quem são os meus amigos de sempre e quem são os meus amigos depois que eu fui presidente da República. Depois, eu tenho clareza da minha identificação com as pessoas. Ontem eu disse em um discurso, à noite: com a mesma alegria, com a mesma humildade que eu vou a Londres e pego na mão



da Rainha, eu vou a uma colônia de hansenianos e pego na mão deles. Com a mesma sensibilidade e com a mesma alegria, porque na minha frente não tem rainha e não tem hanseniano, na minha frente tem dois seres humanos, que tem uma passagem pelo Planeta. Eu acho que isso eu guardei na minha vida, marquei na minha vida, e eu quero terminar assim a minha vida, mantendo essa relação de muita amizade.

Eu tive uma sorte imensa porque eu peguei uma safra de governadores extraordinária. Se a gente pegar o Eduardo, se a gente pegar os governadores eleitos, novos, no Nordeste... Eu mantenho uma relação republicana com os governadores do PSDB, com os governadores do DEM. Para mim, governar é a arte de fazer aquilo que é possível, mas também fazer aquilo que você gosta.

Quando nós decidimos fazer 1 milhão de casas, a ideia original era fazer 200 mil. Eu falei: não, vamos pegar um desafio maior. Porque o homem é chegado a desafios. Todo ser humano tem que, a cada dia, colocar na sua frente um novo desafio, porque a vida é motivação, a vida é emoção. Se você não tiver uma motivação todos os dias e não tiver um projeto um pouco mais longe, você cai na mesmice. Aí você vê o governo desanimar, você vê o governo ficar desmotivado, o governo não gosta de ir às ruas, as pessoas começam a ter medo do povo. Comigo não tem isso. Eu vou conversar com o povo se eu tiver zero nas pesquisas ou se eu tiver 100% nas pesquisas, porque é essa coisa que dá interação, é essa coisa que dá motivação.

Veja uma coisa: conversando com você aqui, nesta entrevista, você já me arrumou mais uma obra para o PAC, que é uma ponte, que eu não sabia. Por isso é que Deus foi sabido demais quando fez a gente com uma boca e duas orelhas. É para a gente ouvir mais do que falar. É ouvindo que se aprende, é aprendendo que se consegue executar e é executando que se aprende a governar.



Jornalista: Muito obrigada, Presidente. Então, nós encerramos aqui a nossa entrevista com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

(\$31DHJLP)